

# LÍNGUA MATERNA: UM CONCEITO INCÔMODO

Luan Alex de Mattos<sup>1</sup>  
Angela Derlise Stübe<sup>2</sup>

**Resumo:** Em nosso percurso como pesquisadores notamos que por vezes a noção de língua materna aparece na literatura de forma aproblemática e como um conceito previamente dado, o que não é o caso. Assim, neste artigo, partimos de uma pergunta chave – Quais as possíveis compreensões da noção de língua materna desde o campo da linguística? – para melhor compreender distintos modos de dizer acerca dessa noção. Nosso objetivo principal e geral é discutir possíveis sentidos da noção de língua materna no campo da linguística, com ênfase nas correntes de estudos da linguagem que dialogam com a psicanálise. Essa última, agregando à discussão elementos metalinguísticos como Inconsciente, lalíngua, Outro e o próprio Incômodo, que lhe é constitutivo.

Palavras-chave: Língua materna. Linguística. Psicanálise. Lalíngua.

## MOTHER TONGUE: A UNCANNY CONCEPT

**Abstract:** Throughout our trajectory as researchers, we have observed that the notion of *mother tongue* is at times presented in the literature in an unproblematic manner and treated as a self-evident, previously given concept, which is not the case. Accordingly, this article departs from a guiding question in order to more thoroughly examine distinct modes of articulating this notion. Our primary and overarching objective is to discuss the possible meanings attributed to the notion of mother tongue within linguistics, with particular emphasis on approaches to language studies that engage in dialogue with psychoanalysis. The latter contributes to this discussion by incorporating metalinguistic elements such as the Unconscious, *lalangue*, the Other, and uncanny itself, which is constitutive of it.

Keywords: Mother tongue. Linguistics. Psychoanalysis. Lalangue.

## Introdução

Língua materna é um *Incômodo*. Optamos por grafar no masculino e não por, talvez de forma mais simples, dizer que “ela é incômoda”, pois nos interessa a aproximação com o Incômodo freudiano (Freud, 2021) nesse momento. Se a expressão língua materna aparece por vezes fazendo

1 Doutor em Letras (UFFS – Chapecó), com período de Doutorado Sanduíche na Université Sorbonne Paris Nord 13. E-mail: Psic.luanmattos@gmail.com

2 Doutorado em Linguística Aplicada, pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2008). Professora da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó/SC, no curso de graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) E-mail: angelastube@uffs.edu.br

referência a algo que é muito basilar, de definição muito fácil, rápida, por outro lado, na mesma medida em que é fácil, é frágil.

“Língua materna é aquela língua aprendida com a mãe”. E se a criança não tiver uma mãe com quem aprender uma língua? “Língua materna é a língua do país de origem”. Mas e a mãe? Se ela, em sua porosidade constitutiva, coincide com língua nacional, de que forma ela afeta o falante como nenhuma outra (Milner, 2016) se dentro de uma língua nacional, por exemplo o português, há tantas línguas, tantas formas de dizer?

Essas questões nos inquietam já há algum tempo, e temos nos debruçado sobre elas a partir de distintas perguntas e de distintos *corpora*. No presente artigo, resultado de uma tese de doutorado escrita e orientada pelos autores deste artigo, buscamos responder a uma questão bastante basilar para o desenvolvimento de discussões que levem em conta a língua materna: Quais as possíveis compreensões da noção de língua materna desde o campo da linguística?

Para responder a essa questão este artigo é delineado a partir de um objetivo geral: discutir possíveis sentidos da noção de língua materna no campo da linguística, com ênfase nas correntes de estudos da linguagem que dialogam com a psicanálise; e de dois objetivos específicos: produzir uma recuperação histórica da noção de língua materna e compreender o efeito de conceitos psicanalíticos sobre essa noção.

A expressão língua materna se apresenta na literatura e na linguagem coloquial de modo relativamente comum. Os usos são os mais diversos e se assentam, no mais das vezes, na ideia de ser essa a primeira língua falada pela criança, língua que é, com frequência, transmitida pela mãe. Seus usos, assim como significações, são plurais, e em razão disso os sentidos que carrega são abertos. Fato é que a língua materna carrega significados e efeitos *estruturalmente* singulares,

sendo aquela a partir da qual o sujeito se diz e se constitui. Essa especificidade aparece de forma *mais ou menos marcada* a depender do lugar teórico em que se enuncia sobre ela. Aparecendo por vezes de forma relativamente abstrata, associando-se com a ideia de ser uma língua não computável, de ser uma língua de paixão sofrimento e prece, por outro lado, ela aparece, por vezes, de forma vulgar, simplificada. Figurando como sinônimo de idioma, língua oficial, língua nacional ou ao menos em uma concepção estruturalista da designação *língua*.

### **Panorama histórico acerca de “língua materna”**

Aquino (2019), linguista e pesquisador do campo da História das Ideias Linguísticas, nos apresenta uma interessante e encorpada explanação sobre as origens e usos dessa forma de dizer. Segundo o autor, o primeiro registro da expressão *língua materna* data do séc. XII, precisamente entre o ano de 1104 e 1108 e foi produzido pelo monge francês Guilberto de Nogent no seu *Dei Gesta per Francos* e põe em contraposição a forma de expressão do Papa na língua latina e de advogados em suas “línguas maternas”. Nesse sentido, a expressão é utilizada para fazer referência, em latim, a uma língua outra que não o próprio latim.

Da mesma forma que a ancoragem do latim é assegurada pelo lugar da Igreja na sociedade, como afirma Auroux (1992), a própria diferenciação entre latim e vernáculos, com a criação da expressão língua materna, pode ser encarada como um feito da Igreja, pois são aqueles que empregam o latim que cunham essa expressão, são aqueles que conhecem o latim que traçam uma distinção entre essa língua e aquela chamada língua materna (Aquino, 2019, p. 58).

A língua materna, nessa perspectiva, atestaria a situação linguística particular do mundo latino. Mundo no qual há uma conservação do latim como língua da

administração e da vida intelectual e religiosa e pelo aparecimento de línguas neolatinas. Do fato de que há um entrelaçamento bastante marcado entre “língua materna” e a igreja, para os propósitos desse texto, importa frisar que língua materna, nos usos que se faz dessa expressão nesse período, não faz contraposição a uma língua estrangeira – construção histórica que foi naturalizada –, já que não há uma língua estrangeira, mas sim “o latim e todas as línguas”. A relação que se busca estabelecer é com o latim, língua universal do papado.

Para Aquino (2019) haveria uma certa “facilidade” maior em se aprender esses vernáculos outros que não o latim, haja visto que eles se sustentariam mais na fala e não requereriam elementos tão amplos para seu aprendizado quanto o latim, que pressupunha, além do ensino da fala e da escritura, o estudo de autores e textos latinos.

Os poucos registros da expressão língua materna que parecem marcar uma relação da língua com a mãe não nos permitem afirmar que a expressão tenha sido criada para indicar a língua falada e ensinada pela mãe. Não é o caso de negar a existência de um jogo entre língua e mãe na composição da expressão língua materna, afinal a própria associação entre os significantes *língua* e *materna* promove semanticamente a ideia de uma língua que é da mãe. Por outro lado, se não é inadequado tratar a língua materna como língua da mãe, não nos parece produtivo, contudo, partir dessa evidência para explicar os sentidos da expressão, afinal não apenas a figura mãe, tantas vezes usada para falar também da pátria e da Igreja, mas igualmente a qualidade do que é materno foi historicamente ressignificado. Segundo Tombeur (2005), o substantivo *maternitas* (“maternidade”), por exemplo, só bem recentemente passou a ser associado à mulher, tendo, em grego, no início, por volta do ano de 858, o sentido de *terra natal*, estando em paralelo com *patris-idos, dos ancestrais, terra dos ancestrais, pátria*, aparecendo no século XII com o sentido de *qualidade de uma igreja catedral, maternidade espiritual da Igreja* (Aquino, 2019, p. 69).

Aquino aponta, ainda, que quando empregada em textos literários, leis e outras produções em língua vernácula – línguas outras “quaisquer” que não o latim –, *língua materna é designada como língua natural de uma terra, língua do lugar onde se nasce, língua de um país,*

marcando, ao contrário do caráter universal do latim, uma territorialização e nacionalização da língua.

Do exposto acima, podemos depreender dois pontos fundamentais para o avanço de nossa compreensão sobre língua materna: 1º- a forma de designação língua materna não é imanente, mas historicamente produzida (pela Igreja); 2º- em sua origem, se relaciona não de forma indissociável da mãe, mas associada à ideia de língua de um povo. Um tempo depois do aparecimento da expressão em latim, Nicole d’Oresme importa para o francês essa forma de designar, e a partir do emprego que faz da expressão, os sentidos de língua materna ficam relativamente mais abertos. Ainda é utilizada para fazer oposição ao latim, mas leva em conta a origem do falante, na medida em que é concebida como língua regional ou local. Se até então a expressão designava todas as línguas outras que não o latim, buscando fazer aporia a ele, a partir desse tempo é possível compreender que existem distintas línguas maternas, levando em conta a origem geográfica dos distintos falantes - uma definição mais próxima daquela que circula nos dias atuais. Ainda assim, carrega o entendimento de fazer referência à língua comum e de uso popular. Para Urbain (1982, p. 11) a compreensão que se tem da noção de língua materna é, desde seus primórdios, ambivalente: doméstica e de baixo uso, politicamente desvalorizada, original e vulgar. Assim como Milner considera que não há designação unívoca para a língua (Milner, 2016, p. 21), não há sentido único para língua materna.

Para Decrosse (1989), língua materna foi um mito importante para a constituição de fronteiras ajudando a promover a formação de territórios nacionais. Aponta que desde os séculos I ao V houve tentativas de construção de uma unicidade linguística a partir da criação de alfabetos específicos e emancipação gramatical,

movimentos que precedem ou que apontam o estabelecimento de uma língua materna – no sentido de uma língua que ajuda a constituir uma fronteira. A construção de alfabetos foi, assim, um traço importante no desenvolvimento da episteme de uma língua materna. Eles foram concebidos, na maioria das vezes, como um atributo nacional que permite a cada população se identificar como unida e autônoma (Decrosse, 1989, p. 22).

O entendimento da autora acerca de língua materna aparece nesse sentido muito ligado a compreensões mais abertas, por vezes se aproximando da noção de língua nacional. O adjetivo “materna” faria então referência, nessa perspectiva, a uma pátria mãe, à língua oficial de um país.

Língua materna, antes de ser uma noção – representação de uma ideia, podendo ser expressa de diferentes formas –, ainda que de contornos instáveis, é uma expressão – um modo de dizer, um significante – utilizada para fazer referência a algo que a princípio pode-se definir rapidamente: Língua materna é aquela língua que se aprende com a mãe, é a língua falada *pela* mãe, a primeira língua que a criança fala, é sinônimo de língua nacional. Lepschy (2001) considera que a língua materna normalmente se associa com a ideia de um falante nativo em uma definição que é simétrica: um falante nativo seria aquele que tem X língua como sua língua materna, enquanto a língua materna seria a primeira falada por um falante nativo. Para além desses sentidos que apontam para uma estabilidade por vezes pouco tensionada, a partir de distintos campos teóricos outros sentidos são possíveis. Na seção seguinte, seguimos buscando conhecer outros sentidos possíveis.

## Sentidos que se marcam pela diferença

Alinho-me a Aquino (2016) quando

argumenta que uma vez que língua materna seja algo do qual acredita-se já se saber por antecipação, a heterogeneidade constitutiva que se dá em torno de conceitos basilares da linguística não se aplica a ela, sendo noção presentificada por linguistas mas que, ainda assim, não é explorada (Urbain, 1982, p. 08). A começar por aí, língua materna é uma noção, não um conceito. Sustentando-se em efeitos de evidência, como temos visto, e sendo definida rapidamente assume-se que é um conceito. Entretanto, ela vai se delineando a partir de uma pluralidade constitutiva, para Aquino (2016) e Urbain (1982) bem como para nós, se constitui como uma noção, aberta e plural.

A noção de *língua materna* está longe de ser tão clara e estável quanto o laconismo reconfortante dos dicionários poderia sugerir:

- “*Língua materna*, língua do país onde se nasceu” (Dictionnaire Encyclopédique Quillet, ed. 1975, artigo *língua*).

- “...// (c. 1300). *Língua materna*, língua do país onde se nasceu, ou da comunidade a qual se pertence por suas origens: *uma babá lhe ensinou a falar inglês como sua língua materna* (Triolet). // ...” (Lexis, Larousse 1977, artigo *materno*, -a).

Onde está a mãe? Não se fala aqui senão de línguas nacionais ou regionais, de línguas oficiais e de dialetos! “A língua materna, repetem equivocadamente os dicionários, é a língua do país onde se nasceu.” Certamente, pode-se sempre alegar que a mãe está ali, em uma forma metafórica: a língua materna seria a língua da terra-mãe, a língua das origens. Mas isso nos levaria a concluir que a noção, desde sua criação no século XIV, seria apenas uma imagem, sem qualquer referência ao indivíduo concreto, socialmente situado, que é a mãe? (Urbain, 1982, p. 07, *grifos do autor, tradução nossa*)<sup>3</sup>.

3 *La notion de langue maternelle est bien loin d'être aussi claire et aussi stable que le laconisme rassurant des dictionnaires pourrait le laisser croire :*

« *Langue maternelle, langue du pays où l'on est né* » (Dictionnaire Encyclopédique Quillet, éd. 1975, article *langue*).

« ...// (v.1300). *Langue maternelle, langue du pays où l'on est né, ou de la communauté à laquelle on appartient par ses origines : une nurse lui avait appris à parler l'anglais comme sa langue maternelle* (Triolet). // ... » (Lexis, Larousse 1977, article *maternel*, elle).

*Où est la mère ? Il n'est question ici que de langues nationales ou régionales, de langues officielles et de dialectes ! « La langue maternelle, répètent bien à tort les dictionnaires, c'est la langue du pays où l'on est né. » Bien sûr, on peut toujours dire que la mère est là, métaphorique : la langue maternelle*

A citação acima, do sociólogo francês Jean-Didier Urbain, nos interessa por distintos pontos que entendemos serem pertinentes para o começo dessa seção. O primeiro deles é com relação ao tempo de publicação. O texto é de 1982 e já nesse tempo se reconhecia certa defasagem com relação aos usos desse termo, ao funcionamento dessa noção. O segundo ponto é esse certo distanciamento, ou antes, tensionamento de um alinhamento entre isso que é chamado de língua materna e língua de um país/primeira língua, que aparece nos dicionários por ele apresentados. Por fim, o questionamento do autor sobre a ligação ou não de língua materna com a figura da mãe parece abrir para novos sentidos acerca dessa expressão, outrossim, se centra no indivíduo concreto e social da mãe. Esses sentidos, de certa forma auto evidentes, sedimentados nesse laconismo reconfortante dos dicionários, bem como os sentidos conflitantes acerca dessa noção, ainda perduram.

Nessa seção, não buscamos “descobrir” ou construir um sentido único para a expressão língua materna. O que pretendemos é, colocando distintas designações de língua materna em diálogo, tensionar os *dizeres sobre* e os efeitos de evidência que sustentam as concepções correntes.

Uma obra que é bastante pertinente para se pensar a produção de sentidos sobre língua materna é, em nossa compreensão, o livro *Conversas com Linguistas* (Xavier; Cortez, 2003). O livro se constrói como um compilado de entrevistas com pesquisadores e docentes de distintas áreas da linguística e nos interessa – para além do fato de “mostrar a grande heterogeneidade em torno dos conceitos básicos que sustentam a linguística [dentre os quais

---

*c'est la langue de la terre-mère, la langue des origines. Mais doit-on alors en conclure que la notion, dès sa création au XIV<sup>e</sup> siècle, n'était qu'une image, sans référence aucune à l'individu social concret de la mère ? (Urbain, 1982, p. 07, grifos do autor).*

língua materna] enquanto campo de estudo científico” (p. 09) e “revelar as controvérsias da linguística” (p.10) – pela forma por meio da qual foi construída: entrevistas realizadas oralmente com pesquisadores da área. Entendemos que isso atribui mais fluidez a elas e ao dizer dos linguistas entrevistados. Atribui menos controle sobre o *dito sobre* língua materna, ou, elaborado de outra forma, é um *dizer*. Retomamos as entrevistas que compõem o livro.

Mary Kato (2003), doutora em Linguística pela USP e professora aposentada pela UNICAMP na área de sintaxe, ao ser questionada sobre se a linguística teria algum compromisso necessário com a educação, considera que “... existe. Tanto que já dei minha contribuição, continuo dando e acho que se há alguém que pode contribuir para a área de línguas, não só língua materna, mas para língua estrangeira são os linguistas...” (Kato, 2003, p. 118). Nessa perspectiva, a língua materna é colocada em uma relação – possível, mas não pressuposta – com a língua estrangeira. Essa relação, que não vou aqui tentar nomear, compreende-se, se sustenta – e talvez daí a própria possibilidade de aproximação – no fato de serem línguas – ambas, passíveis de aprendizado.

Eleonora Albano, graduada em psicologia pela UFRJ e doutora em Linguística pela Brown University considera que:

Talvez todas as outras linguagens se desenvolvam a partir da experiência que a gente tem com uma língua básica, uma língua materna: a primeira língua que a gente aprende, seja ela oral, seja ela de sinais. E as outras se constroem em cima desse modelo. A gente está cercado de linguagens outras, artificiais (Albano, 2003, p.27).

As ponderações de Albano nos interessam em duas perspectivas: por si só, o seu *dizer sobre* língua materna coloca a mesma como uma primeira língua, uma língua básica. Ora, se ela

é *primeira*, é passível de ser contada junto de outras (segunda, terceira...) – uma compreensão bastante distinta da de Milner, já que para ele “Essa língua, que chamam habitualmente de materna, pode ser sempre considerada por um lado que a impede de ser contada junto a outras, de ser acrescentada a elas, de ser comparada com elas” (Milner, 2016. p. 15). Além disso, para além do fato de ser a primeira língua falada pela criança, “não há nada de muito especial” com relação a ela. É uma língua *básica*. Assim, é possível sintetizar a opinião de Albano, dizendo que língua materna é a primeira língua falada pela criança e que a partir dela outras se desenvolvem.

Por outro lado, o entendimento de Albano pode ser retomado para pensarmos, com ela, o posicionamento de Nascimento (2022). A autora salienta que:

[...] a principal questão na constituição subjetiva da criança surda é o fato de a perda auditiva não lhe permitir apreender a língua materna (língua oral), portanto, essa língua não serve para a sua socialização. A língua que permite a socialização da criança é a língua de sinais, que aparece em idade tardia e é adquirida na interação com sujeitos adultos pelo viés profissional, e não familiar (Nascimento, 2022, p. 8).

Nesse artigo, a autora considera que a primeira língua da criança – libras – por não ser a língua da mãe não vai ser para a criança uma língua materna. Por a língua falada pela mãe ser o português e a criança ser introduzida na linguagem através das libras, a criança não teria língua materna alguma, já que a língua da mãe não é passível de utilização pela criança e a língua da criança não é a língua da mãe. Perspectiva muito distinta da de Albano (2003) e de Leite e Souza Jr. (2021), que consideram que a língua materna – por ser a primeira língua da criança (e em nossa leitura no caso de Albano a autora quer dizer apenas isso) – pode ser uma língua de sinais. O posicionamento de Nascimento é no mínimo singular e, levada em conta

essa compreensão, tem implicações bastante importantes para o processo de constituição do sujeito, notadamente a criança surda, mas não apenas.

A autora coloca uma relação de causalidade entre *ser a língua da mãe e ser a primeira língua aprendida pela criança* para que a língua se faça materna. Esse posicionamento não é, evidentemente, uma novidade no que tange as compreensões sobre língua materna. Existe, é bem verdade, uma certa generalização acerca das possibilidades de compreensão dessa noção. Pontuamos isso para reiterar que apenas colocamos compreensões em diálogo. Essa relação de causalidade proposta por Nascimento (2022) coloca muitas perguntas e coloca a língua materna em uma posição muito frágil. Em situações em que a criança não tem uma mãe e é criada por avós, ela não tem uma língua materna? Em situações em que a criança é filha em uma relação homoafetiva masculina – cis ou trans, podendo portanto ser filha biológica ou não –, ela não tem uma língua materna? Em situações em que, havendo uma mãe, mas a criança não sendo inserida na língua dela – vamos pensar em uma situação hipotética, mas palpável de imigrantes haitianos no Brasil que decidem, em razão das políticas linguísticas ainda vigentes (que apontam para um suposto monolinguismo), inserir seus filhos não no crioulo haitiano nem no francês, mas sim no português brasileiro –, ela não tem uma língua materna? Não propomos aqui uma diminuição de configurações familiares que prescindem da mãe, muito pelo contrário. Compreendemos, outrossim, que a forma de dizer - língua materna - carrega relações com elementos outros que não a mãe diretamente, que a figura da mulher diretamente.

A forma de dizer, materna, funciona e inclui essas possibilidades outras de constituição familiar quando a pensamos – materna – a partir do aporte teórico da psicanálise, não por

esse apresentar um sentido verdadeiro, mas sim por abrir para sentidos outros. Desvincula-se o “materna” da “mãe”, ou, antes, passa-se a entender que “mãe” tem que ver com uma função a ser desempenhada e não necessariamente com a figura da genitora. Na seção seguinte, seguimos esse movimento de análise e desconstrução de sentidos, agora voltando o olhar para o campo da psicanálise.

## Deslocamentos constitutivos

Neste artigo, até então, apresentamos e discutimos compreensões de língua materna e a relação dessas compreensões com o surgimento da expressão, a suposta relação entre língua materna e língua nacional bem como algumas discussões acerca dos usos da noção em diferentes campos do conhecimento. Por fim, nos alinhamos ao campo da psicanálise para pensar – a partir de autores que têm um diálogo maior ou menor com a mesma, mas que se valem da teoria psicanalítica e de seus conceitos em alguma medida – essa língua que institui e assujeita o falante (Milner, 2016).

Damos um passo atrás nesse momento e “começamos” esse percurso nos deixando interrogar por Régine Robin. Em *Le Deuil de la langue, une langue en trop, la langue en moins* (1993 [2013]) a autora aponta e questiona:

Eu amo minha língua. Mas o que é minha língua? Ter uma língua para si como ter um quarto para si. Ter uma língua e que além disso é uma língua materna, uma língua natal. Língua da mãe, língua dos ancestrais, da família, língua do romance familiar? E as línguas outras, as outras línguas, a língua de outros, o outro da língua, o outro na língua? (Robin, 2013, tradução nossa<sup>4</sup>).

4 *Moi, j'aime ma langue. Mais c'est quoi ma langue ? Avoir une langue à soi comme on a une chambre à soi. Avoir une langue et qui plus est une langue maternelle, une langue natale. Langue de la mère, langue des ancêtres, de la famille, langue des autres, l'autre de la langue, l'autre dans la langue ?* (Robin, 1993 [2013], np.).

Eu amo minha língua, mas *o que é* minha língua? Não é qual, mas o quê. Entendemos a partir de Robin, mas também de outros autores, que essa língua que é amada possa ser de outra ordem, que esse significante encubra sentidos outros, que exista um deslize de sentidos no uso desse significante e, por isso *língua materna*, dizendo de outra coisa, é tão passível de afetação. Afirmamos aqui que ela é passível de afetação e não que é o sujeito por ela afetado, pois, antes – ou concomitantemente – de ela poder afetar o sujeito ela é investida libidinalmente, afetada pela dimensão do Inconsciente.

Ainda, nessa citação, a escritora dá indícios de como ou porque essa língua significa – aqui, lançando mão do verbo significar, fazemos referência ao uso tal como empregado a partir do corpo teórico da psicanálise. Ter uma língua para si como se tem um quarto para si. Completude? Apropriação total dessa língua? Língua enquanto código passível de apreensão? O quarto é só seu?

Em Robin, existe um deslocamento com relação a dizeres outros sobre a língua materna. Não é apenas materna, não é *relativo* à mãe, mas é *da* mãe, algo que lhe pertence e lhe é constitutivo – do sujeito que enuncia nessa língua e também da mãe. A associação aqui é muito mais direta com essa *figura* da mãe.

Robin, na citação apresentada acima, promove um retorno e relembra que, ainda que eventualmente a língua materna possa sim ser pensada como relativa a campos outros de significação como uma *pátria mãe*, a mãe, enquanto função – sempre função e sempre semblante – tem aí um papel fundamental.

Existe uma certeza de amor por esse objeto, mas uma impossibilidade de apreensão do mesmo. O que é ele? Língua *dita* materna, como aponta Derrida (1996). Essa pequena adjetivação na expressão proposta por Derrida já abre para uma possibilidade mais ampla de

sentidos e desconstrói outros forçosamente estabilizados. A língua não é materna nessa perspectiva, mas por outro lado não é exatamente natural nem própria (Derrida, 1996. p. 112).

Há então algo de Incômodo (Freud, 1919 [2021]) com relação a essa língua dita materna. Ainda que nos pareça habitável, um espaço que ocupamos com conforto, como “*ter um quarto para si*” (Robin, 2013), estamos todos fora dessa língua, língua que é do Outro. Dentro de um campo simbólico que, em alguma medida nos parece confortável, mas que comporta, constitutivamente, algo que nos é inapreensível, que pela incômoda proximidade (Derrida, 1996), nos desassossega.

A aproximação entre Derrida e Robin, nesse sentido, se dá com relação a isso que, em alguma medida, se relaciona com a impossibilidade de “habitar esse quarto”. Em Robin, por outro lado, a referência à mãe parece ocorrer de forma mais direta. Em Derrida a relação com o que faz dela materna é, como temos compreendido, mais abstrata – como é a língua materna. A referência a mãe aparece quando faz referência à Khatibi, mas, em linhas gerais, é por outro campo que ele constrói sua argumentação. Derrida trata de língua materna a partir de uma discussão sobre um monolinguismo, que entretanto é plural, uma vez que “Não falamos senão uma só língua. Não falamos nunca uma única língua” (Derrida, 1996. p. 21. *Tradução nossa*<sup>5</sup>). Ora, se jamais falamos mais do que uma única língua e se jamais falamos uma só língua, a dimensão do metalinguístico se presentifica de forma marcada, uma vez que essa língua – qual língua? (Milner, 2016. p. 95) –, essa única língua, tem a ver com elementos outros e não se fecha em si mesma. Se não há monolinguismo absoluto (Khatibi, 1985, p. 10) e se a língua é sempre do outro e ao outro retornando – qual outro? – “Resta delimitar o que é uma língua materna em sua divisão ativa, e o que se enxerta

5 « *On ne parle jamais qu'une seule langue. On ne parle jamais une seule langue* » (Derrida, 1996. p. 21)

entre essa língua e a chamada língua estrangeira. Quem se enxerta ali e se perde, não retornando nem a uma nem à outra: o incomunicável” (Khatibi, 1985. p. 10, *tradução nossa*<sup>6</sup>). Isso que se marca entre a língua dita materna e aquela dita estrangeira, compreendemos como algo da ordem do metalinguístico, pela forma como é inapreensível e mesmo pela dificuldade de se delimitar, pela forma como transita por diferentes possibilidades de língua enquanto código. Um exemplo:

O que fiz há pouco, ao pronunciar uma sentença como “eu só tenho uma língua, e ela não é minha” ou “nunca se fala mais do que uma única língua”? O que quis dizer ao prosseguir mais ou menos assim: “portanto, não há bilinguismo nem plurilinguismo”? Ou ainda, multiplicando as contradições, “nunca se fala apenas uma língua”, logo, “só existe plurilinguismo”? Tantas afirmações aparentemente contraditórias (não há X, só há X), tantas alegações que acredito, no entanto, que seria capaz, caso tivesse tempo, de demonstrar seu valor universal. Qualquer pessoa deveria poder dizer: “eu só tenho uma língua e (ora, mas, agora, permanentemente) ela não é minha” (Derrida, 1996, p. 42, *tradução nossa*<sup>7</sup>).

“Eu tenho só uma língua e ela não é minha”. Mais uma vez a dualidade moebiana: É possível um fechamento da concepção de língua, e mais, da língua materna, tendo em vista o que postula Derrida? Existe possibilidade de uma conceituação fechada? É desde Derrida que podemos compreender e dizer não de uma língua materna, mas de uma língua dita

6 « *reste à cerner ce qu'est une langue maternelle dans sa division active, et ce qui se greffe entre cette langue et celle dite étrangère. Qui s'y greffe et s'y perd, ne revenant ni à l'une ni à l'autre: l'incommunicable* » (Khatibi, 1985, p. 10).

7 *Qu'ai-je fait tout à l'heure, à prononcer une sentence telle que “je n'ai qu'une langue, ce n'est pas la mienne” ou bien “on ne parle jamais qu'une seule langue”? Qu'ai-je voulu faire en enchaînant à peu près ainsi: “donc, il n'y a pas de bilinguisme ou de plurilinguisme”? ou encore, multipliant ainsi les contradictions, “on ne parle jamais une seule langue”, donc “il n'y a que du plurilinguisme”? Autant d'assertions en apparence contradictoires (il n'y a pas X, il n'y a que X), autant d'allégations dont je crois bien que je serais pourtant capable, si le temps m'en était donné, de démontrer la valeur universelle. N'importe qui doit pouvoir dire “je n'ai qu'une seule langue et (or, mais, désormais, à demeure) ce n'est pas la mienne” (Derrida, 1996. p. 42).*

materna, uma língua que é assim falada, dita.

Em um sentido relativamente próximo, recorreremos à Revuz (2001) para propor mais um olhar para a discussão. Em *A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio*, a autora também vai discorrer sobre a afetação pela língua materna, ainda que, como à temos lido, ela faça isso de um modo mais orientado a partir da psicanálise e na relação com a língua estrangeira. A autora se interessa pela relação do falante com cada uma dessas línguas, as distintas formas como se dão e as formas como o falante permite se afetar por cada uma. Revuz argumenta nesse texto que o *eu* da língua materna e o *eu* da língua estrangeira não são coincidentes, já que falar uma língua estrangeira é sempre se tornar, em alguma medida outro (Revuz, 2021, pp. 225-227) uma vez que:

Esse estranhamento do dito na outra língua pode tanto ser vivido como uma perda (até mesmo como uma perda de identidade), como uma operação salutar de renovação e de relativização da língua materna, ou ainda como uma descoberta embriagadora de um espaço de liberdade (Revuz, 2001. p. 224).

O pressuposto da autora é que língua materna tem uma importância  *muito* marcada, mas de certa forma isso não se dá em um nível qualitativo, ela não é uma língua essencialmente “boa” enquanto outra língua seria “má”. Também não é “má” e “boa” ao mesmo tempo. Ela é *potente*.

Para além do fato de que ela afeta os modos pelos quais o sujeito se relaciona com a língua estrangeira – tenho compreendido que essa sensação de perda de identidade e/ou de abertura para novas possibilidades, uma certa liberdade, ainda que se liguem de forma direta com a língua estrangeira se sustentam em uma dialética com a língua materna, já que é pela afetação da primeira que se dão os efeitos da segunda –, “a língua materna não se separará

jamais dessa sedimentação afetiva para tornar-se um instrumento de designação objetivo das coisas do mundo, no sentido em que pode sê-lo a linguagem científica” (Revuz, 2001. pp. 219-220).

Daí, mais um indício de que no que tange a língua materna há um metalinguístico importante. Essa dimensão do metalinguístico – que neste momento compreendo como aquilo que é relativo ao afetivo e ao libidinal – da língua materna aparece também no processo de aprendizado de uma língua estrangeira, uma vez que:

Começar o estudo de uma língua estrangeira é se colocar em uma situação de não saber absoluto, é retornar ao estágio do *infans*, do neném que não fala nada, (re) fazer a experiência da impotência de se fazer entender [...] Há alguma coisa de impossível, isto é, de perigoso, nessa tomada de distância, e a intelectualização e a racionalização pelo recurso à escrita se apresentam como uma proteção contra alguma coisa que parece ao mesmo tempo regressiva e transgressiva (Revuz, 2001, pp. 221-222).

Mais uma vez há aí indícios de um para- além. Essa tomada de distância não é apenas impossível e perigosa, como também, por vezes, necessária. Ainda, a citação acima corrobora o elencado por Melman (1996) e a sua referência à língua paterna, compreendida pelo autor como uma língua que interdita o desejo ligado à língua materna. Isso não quer dizer que a língua paterna seja uma língua estrangeira, pelo contrário, entendemos que ela possa se sedimentar sobre o mesmo código linguístico que a língua materna, mas que muda, no sujeito, a forma de relação com a língua. Assim, nessa língua estrangeira que o sujeito se propõe ou é forçado a aprender, o “recurso à escrita” (Revuz, 2001, p. 222) se apresenta como um porto seguro – uma tentativa de cerceamento do excesso da língua materna, seus desejos e suas angústias, pela gramática e pelo simbólico? Nesse sentido, Mattos (2021, p. 19) argumenta

que há uma espécie de “segunda cisão” – pelo simbólico –, em verdade, um deslocamento de uma estrutura simbólica já presente no sujeito. Um rearranjo na sua relação com suas línguas e suas possibilidades de dizer”.

À definição de língua materna, Revuz apresenta também em relação com a língua estrangeira. Considera a autora que:

[...] a língua estrangeira é por definição, uma segunda língua, aprendida depois e tendo como referência uma primeira língua, aquela da primeira infância. Pode-se aprender uma língua estrangeira somente porque já se teve acesso à linguagem através de uma outra língua. Essa língua chamada “materna” pode não ser a da mãe, a língua “estrangeira” pode ser familiar, mas elas não serão jamais da mesma ordem [...] O encontro com a língua estrangeira faz vir à consciência alguma coisa do laço muito específico que mantemos com *nossa* língua (Revuz, 2001. p. 215, grifos da autora).

Essa citação tem pontos bastante interessantes que tangenciam a relação do falante com a língua materna. Nos alinhamos à autora quando ela pontua que língua materna e estrangeira não são da mesma ordem. Não teria como ser, já que uma é libidinalmente muito mais investida que a outra. Contudo, se a autora sustenta uma discussão muito bem encorpada sobre os efeitos da língua materna sobre o sujeito e na relação com a língua estrangeira, entendemos que com relação à conceituação que apresenta sobre língua materna a discussão poderia ser estendida. Se a língua materna pode, ou não, ser a da mãe, quais as outras possibilidades? Qual a compreensão de mãe sustentada por Revuz? Para considerar que pode não ser a da mãe, ela está fazendo referência a uma mãe concreta? Ainda, no final da citação a autora faz referência à língua materna, definindo-a como “*nossa*” língua – as aspas são minhas, o grifo da autora. Aqui, o uso desse significante e o itálico me inquietam.

Em que medida uma língua – “eu só tenho uma língua, e ela não é minha” (Derrida, 1996. p. 42) – que, em seu processo de nos

atravessar, nos constitui pode ser “nossa”? – “como ter um quarto para si” (Robin, 1993 [2013], np.). Compreende-se, com Derrida e Robin, pouco possível. O que indica o itálico de Revuz (*nossa língua*)? Poderia ter, no texto da autora, o sentido de aspas, indicando um certo distanciamento? Ou, por outro lado, o itálico enfatiza a ideia da autora marcando que língua materna é de fato *nossa*? A segunda possibilidade me parece mais provável, já que melhor se coaduna com a linha argumentativa nesse texto em que sustenta – muito bem – uma aporia entre materna e estrangeira, *nossa* e do outro.

Não entendemos que isso seja um problema de Revuz, muito pelo contrário. A discussão que sustenta acerca dos *efeitos* da língua materna é inegavelmente clara, já que prescindindo de conceitos relativamente complexos da psicanálise (como *lalíngua* e Outro) ela explora com propriedade os entrelaces entre língua materna e estrangeira. Apresentamos esse ponto buscando tensionar sentidos.

A não coincidência acerca da forma de dizer sobre língua materna a partir de distintos autores – mesmo dentro de um campo teórico que se coaduna em torno da psicanálise – colabora na tomada de uma posição investigativa, na medida em que convida e convoca a que se coloquem questões à essa noção.

Uma obra que não trata de língua materna e não trata de língua diretamente, mas sim do processo de constituição do sujeito é *O sujeito Lacaniano* (1998), de Bruce Fink. Nessa obra, a expressão língua materna aparece rapidamente e o psicanalista estadunidense, faz uma ligação direta entre ela e a psicanálise, em específico, o conceito de Outro:

[...] o Outro é essa linguagem estranha que devemos aprender a falar e que é eufemisticamente referida como nossa “língua materna”, mas que seria melhor ser chamada nossa “língua do Outro materno”: são o

discurso e os desejos dos outros a nossa volta na medida em que estes são internalizados (Fink, 1998. 28).

De uma forma que temos compreendido como bastante direta, Fink liga língua materna ao “discurso e os desejos dos outros a nossa volta na medida em que estes são internalizados” (Fink, 1998, p. 28), já que língua materna seria melhor dita dessa forma, essa linguagem estranha, o Outro. Há aí uma concepção de língua materna que vai no extremo oposto daquelas que compreendem língua materna como o primeiro conjunto de signos no qual a criança é inserida.

Em Fink há, podemos compreender, quase que um desligamento da dimensão do código linguístico, já que a língua aí é apenas suposta e suposta como língua materna. Entendemos que nessa dinâmica o Outro tenha um papel fundamental e compreendemos que a língua materna possa ser compreendida de forma aproximativa com um discurso, mas no texto de Fink isso aparece de forma muito mais crua.

Para que a língua do Outro materno *seja* o discurso e o desejo dos outros a nossa volta, como quer o autor, há aí a necessidade de um suporte no código linguístico, caso contrário ela deixa de ser língua e passa a ser discurso, que para Lacan pode subsistir sem palavras. Retomamos a relação de língua materna com o Outro proposta pelo autor e vejamos, a partir de Lacan (que por vezes grafia como A, de *Autre*, em francês), uma primeira compreensão desse conceito:

[...] podemos fazer uma primeira leitura do A tomado como Outro, ou lugar do código. O A encerra o tesouro da linguagem, que é preciso supor já presente, para que dele possam ser extraídos, sob o selo da intenção, os elementos que vêm inscrever-se uns após outros, para se desenrolarem sob a forma de uma [...] frase que descreve um circuito até que algo seja realizado, fechado (Lacan, 1968-1969 [2008], p. 50).

O Outro tem, portanto, uma importância bastante significativa no processo de inserção do *infans* na linguagem. Por já estar inscrito na linguagem ele “a detém”. Para Lacan (1973 [1996]), se o sujeito é determinado pela linguagem e pela fala, ele começa de fato no lugar do Outro – ou a partir do Outro.

Nesse sentido, considerar que língua materna tenha relação com o Outro – será esse o outro que já aparece em Derrida? – é considerar que há algo que não se finda nela mesma. Um para além constitutivo. Entendemos, embora Fink não cite, que nessa dinâmica entre língua materna e Outro convém considerar também lalíngua. Esse conceito lacaniano tem, em nossa leitura, papel fundamental na articulação entre língua materna e Outro. Lalíngua, como lugar dos equívocos é:

uma língua entre outras; ao mesmo tempo em que, uma vez formulada, ela impede, por incomensurabilidade, que se construa uma classe de línguas que chegue a incluí-la. Sua figuração mais direta é precisamente a língua materna, que não carece de muita observação para admitirmos a necessidade de uma torção bastante forte, para todos os efeitos, caso o intuito seja acomodá-la no lote comum. Mas ela é, tão logo, qualquer língua – na medida em que todas são, em algum aspecto, uma entre outras; e que são, para algum ser falante, língua materna (Milner, 2016. p. 21).

Não vamos nos demorar na exploração do conceito de lalíngua. Aqui nos interessa por possibilitar, ou antes ser fundamental, para o avanço dessa análise digressiva acerca dos dizeres sobre língua materna. Língua materna por sua proximidade com lalíngua, indicativo de que há a um só tempo linguagem e inconsciente, é infectada – não são coincidentes – e passa a ser marcada por seu excesso. Por essa proximidade é que língua materna já não é totalmente abarcada por gramáticas e teorias.

É essa ideia que nos faz considerar que há um metalinguístico muito importante e muito potente naquilo que diz respeito à língua

materna. Existe aí algo que é irrepresentável, que faz rizoma e que escapa. Miller considera que ela se arrasta. Entendo, nessa bonita metáfora, que entre os significantes da cadeia ela não tenha um deslocamento organizado indo de um para outro S<sup>1</sup> para S<sup>2</sup> de forma encadeada, pelo contrário, se arrasta e por meio desse se arrastar produz algo, nesse se arrastar é que pode ser reconhecida. Para o autor:

Lalíngua não deve ser dita viva porque está em uso. É sobretudo a morte do signo que ela veicula. Não é porque o inconsciente é estruturado como uma linguagem que lalíngua não vai jogar [*jouer*] contra o seu gozar [*jouir*], pois ela se constitui a partir desse próprio gozar (Miller, 2023, p. 34).

Se a letra mata a coisa, e por isso o real é inalcançável, o que dizer da citação de Miller? Compreendemos que lalíngua “mate” o signo na medida em que, se arrastando, o atropela. Lalíngua se aproxima de uma dimensão menos organizada, pois marcada por repetições, por rupturas e por tropeços significantes. Ela não comunica, ela produz efeitos.

O ponto crucial, compreendo, é que *lalíngua* não é neutra, ela se forma justamente a partir do gozo, capturando traumas, lapsos e intensidades subjetivas. Essa origem vinculada ao gozo explica por que *lalíngua* está sempre em movimento, resistindo à estabilização dos significados e produzindo efeitos que escapam ao controle consciente. Se assim é, qual a compreensão de uma língua materna afetada por lalíngua? Qual a compreensão de língua materna passo a sustentar?

### Considerações finais

Antes de ensaiar uma resposta para a pergunta que nos colocamos na seção anterior, retomamos dois autores que também se colocam essa pergunta:

Durante muito tempo me perguntei o que era uma língua materna, uma vez que somos frequentemente capazes de falar várias línguas diferentes e por vezes uma língua estrangeira com uma maior facilidade. Poderíamos pensar que a diferença é de ordem afetiva e que a língua materna veicula a lembrança daquela que nos introduziu na fala (Melman, 1992, p. 31).

Melman entende que língua materna não tem a ver com falar uma língua em que se fala de forma mais fácil – embora na mesma obra vá nos dizer que a língua materna é aquela na qual o sujeito se autoriza a falar como mestre –, já que pode-se por vezes falar uma língua estrangeira com mais facilidade. Para o autor, há algo da língua materna que tem a ver com aquela que introduz a fala – suas primeiras marcas de inserção no registro do simbólico? No mesmo sentido, Ayouch também se põe diretamente essa questão:

Mas o que é a língua materna? No uso comum, a primeira língua falada por uma criança é sempre associada a uma dimensão materna em muitas línguas (*Muttersprache*, *mother-tongue*, *língua materna*, *madre língua*, [...] [*lughat el um*], [...] [*sefet im*]). Porém, segundo a definição de muitos dicionários, não há relação necessária entre essa primeira língua e a mãe. Existem “vice-mães”, e a língua materna é também a língua das pessoas que aparecem e desaparecem do cenário psíquico da criança pronunciando as suas primeiras palavras. A língua materna é a língua veiculada pela mãe ou a pessoa em posição de mãe que permite à criança se separar dela, articular uma demanda sem temer ser engolida em um “sim” massivo que antecipa seus desejos ou em um “não” que os anula. Para não ser mortífera, essa língua tem que marcar uma distância, conjugar o familiar e/ou estrangeiro (Ayouch, 2015, p. 102, *sic*).

Ayouch coloca a língua materna em um lugar de singularidade e possibilidade de singularização. Isso se dá pelas dimensões psíquicas implicadas nesse código linguístico e em seu funcionamento. O autor apresenta essa recuperação dos modos de designação em distintas línguas que, embora no mais das vezes façam referência à mãe, não tem, por vezes, relação direta em sua definição. Uma compreensão de língua materna que, como alguns dicionários, a associe diretamente com

língua nacional, não é, em nossa compreensão, frutífera.

Essa língua é então a língua que, saindo da mãe – ou seu equivalente, como pontua o autor – vai “conjuguar o familiar e/ou estrangeiro” possibilitando que a criança se faça.

Se a fala é o que a linguística foraclui para fora de si mesma para que seja possível, reconhecendo que algo falta na concepção de língua apresentada no texto do *Curso* – mas que nem por isso deixa de se fazer presente – e cujos indícios podem ser vistos em Revuz (2001), Robin (2013), Derrida (1996) e outros, apontamos em um primeiro momento, para uma concepção de língua materna que por ser atravessada e constituída por aquilo que na língua de Saussure falta, *aproxima-se* da noção de discurso. No discurso, esses elementos outros aparecem. Voltam. Essa compreensão se alinha com Payer (2007, 2009) que considera que, no que tange à língua materna, importa pensar a dimensão discursiva da língua, e não tomar a mesma como um elemento empírico.

Temos compreendido que língua materna é algo que conjuga em si aquilo que é da língua, enquanto sistema, e de um metalinguístico que, afetando-a, afeta o sujeito. Nesse sentido, o código, a língua tal como a compreendemos a partir de Saussure – mesmo em uma leitura mais rígida – se sustenta como suporte da *dita língua materna*. Aqui inverte a asserção derridiana (Derrida, 1996. p. 31) e grafo *dita língua materna*, assim como Stübe (2008), uma vez que, entendo que mais do que ser uma língua *dita* de tal modo, é *dito* ser uma língua – materna –, em uma definição que é porosa e que não se fecha. Isso não quer dizer que a *dita língua materna* perca seu suporte no linguístico e que deva ser considerada como qualquer outra coisa, um discurso por exemplo. Opto, entretanto, por essa grafia justamente para manter abertos os sentidos e enfatizar a possibilidade de abertura de um sentido que é

sempre postergado. Da mesma forma como não acredito que língua materna tenha a ver com uma língua nacional ou oficial, não entendo que a *mãe* tenha um papel direto na instituição de determinada língua, como a *dita língua materna* da criança.

Por esses atravessamentos e por esses distintos modos de se dizer que não coincidem mas que não se excluem é que ela se faz uma noção. É nessa dinâmica que se dá a partir e afetada por atravessamentos diversos que a língua materna se constitui. Com marcas daquilo que é familiar e sombreamentos de algo que é estranho, ela se faz incômoda, tanto em sua definição bem como no modo como atravessa os sujeitos.

## Referências

ALBANO, Eleonora Cavalcanti. Eleonora Albano. In: *Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística*. São Paulo: Parábola, 2003. p. 25-p. 35.

AQUINO, José Edicarlos de. A origem medieval da expressão língua materna: uma história contra a evidência de sentidos de um termo canônico na reflexão sobre a linguagem. In: *Gragoatá*, v.24, n. 48, p. 50-74, 2019. Disponível em: <https://encurtador.com.br/kovU8> Acesso em: 12 de março de 2024.

AYOUCHE, Thamy. Clínica psicanalítica da língua: vias associativas interlinguísticas, tradução e transferência. In: *Estudos de Psicologia*, n. 32, p. 97-p. 107, 2015.

Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/272397788\\_Clinica\\_psicanalitica\\_da\\_lingua\\_vias\\_associativas\\_interlinguisticas\\_traducao\\_e\\_transferencia](https://www.researchgate.net/publication/272397788_Clinica_psicanalitica_da_lingua_vias_associativas_interlinguisticas_traducao_e_transferencia) Acesso em: 13 de abril de 2021.

BOURDIEU, Pierre. A produção e a reprodução da língua legítima. In: \_\_\_\_\_. *A economia*

- das trocas linguísticas: o que falar quer dizer. Tradução de Mauro Bento. 2. ed. São Paulo: Editora Parábola, 2008. pp. 29-52.
- DECROSSE, Anne. Um mito histórico, a língua materna. In: VERMES, G.; BOUTET, J. (Orgs.) Multilingüismo. São Paulo: Editora Unicamp, 1989.
- DERRIDA, Jacques. Le monolingüisme de l'autre. Paris, França. Galilée, 1996.
- FINK, Bruce. O sujeito Lacaniano: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- FREUD, Sigmund. (1919). O incômodo: das unheimliche. Trad. Paulo Sérgio de Souza Jr. São Paulo: Blucher. 2021.
- KATO, Mary. Mary Cato. In: Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística. São Paulo: Parábola, 2003. p. 113-p. 121.
- KHATIBI, Abdelkebir. Amour bilingue. Fata Morgana, 1983.
- LACAN, Jacques. (1968-1969) O Seminário, livro 16: De um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LACAN, Jacques. (1973). O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- LEITE, Nina Virginia de Araújo; SOUZA JR. Paulo Sérgio de. Corpo e língua materna. In: TEPERMAN, Daniela; GARRAFA, Thais; IACONELLI, Vera. (Orgs.) Corpo. Belo Horizonte, MG. Editora Autêntica. 2021. p. 39 – p. 38.
- LEPSCHY, Giulio. “Mother tongues and literary languages”. *The Modern Language Review*, 96. 4, p.33-49. 2001
- MATTOS, Luan Alex. A emergência do sujeito no espaço entre línguas: interpelações discursivas em sujeitos na posição de imigrante. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2022.
- MELMAN, Charles. Imigrantes: Incidências Subjetivas das Mudanças de Língua e País. São Paulo: Escuta, 1992.
- MILLER, Jacques-Alain. Teoria de la língua. In Jacques Lacan. A terceira (pp. 9-62). Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- MILNER, Jean Claude. O amor da língua. Trad. P. S. de Souza. Jr. Campinas, SP. Editora Unicamp. 2016.
- NASCIMENTO, Lilian Cristine Ribeiro. Psicanálise e surdez: singularidades da constituição subjetiva. In: *Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.*, Araraquara, v. 23, n. 00. Disponível em: [Vista do Psicanálise e surdez \(unesp.br\)](http://Vista.do.Psicanálise.e.surdez(unesp.br)). Acesso em: 21 de fev. de 2024.
- PAYER, Maria Onice. Dimensões materna e nacional das línguas. Simpósio Nacional de Letras e Linguística, In: *Anais do XII SILEL*. 12, p.1-8. 2009.
- PAYER, Maria Onice. Entre a língua nacional e a língua materna. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz. 2007.
- REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês (Org.) *Linguagem e identidade: Elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP. Fapesp, p. 213-230, 2001.
- ROBIN, Régine. *Le deuil de la langue*. Fata morgana. 2013.
- NETTO, Angela Derlise. *Tramas da subjetividade no espaço entre-línguas: narrativas de professores de língua portuguesa*

em contexto de imigração. 2008. 243 p.  
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de  
Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem,  
Campinas, SP. Disponível em: [https://hdl.  
handle.net/20.500.12733/1607263](https://hdl.handle.net/20.500.12733/1607263). Acesso  
em: 14 fev. 2025.

URBAIN, Jean-Didier. La langue maternelle,  
part maudite de la linguistique? In: Langue  
française, n°54, 1982. Langue maternelle  
et communauté linguistique. p. 7 - p. 28.  
Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/  
lfr\\_0023-8368\\_1982\\_num\\_54\\_1\\_5275](https://www.persee.fr/doc/lfr_0023-8368_1982_num_54_1_5275).  
Acesso em: 10 de abril de 2021.

XAVIER, Antônio Carlos; CORTEZ, Suzana  
(org.). Conversas com Linguistas: Virtudes  
e Controvérsias da Linguística. São Paulo:  
Parábola Editorial, 2003.

**Submissão: abril de 2026**

**Aceite: abril de 2026.**